

ECOANSIEDADE E PERCEÇÃO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS EM ADOLESCENTES BRASILEIROS: UM ESTUDO PSICOSSOCIAL

1 Introdução

As mudanças climáticas tornaram-se um dos maiores desafios contemporâneos, impactando não apenas o meio ambiente, mas também o bem-estar emocional das populações. Entre os grupos mais sensíveis aos efeitos da crise climática estão os adolescentes, que vivenciam intensamente sentimentos de incerteza, impotência e desesperança diante do futuro (HICKMAN et al., 2021). A esses efeitos emocionais, dá-se o nome de *ecoansiedade* — uma resposta psíquica complexa frente às ameaças ambientais percebidas (CLAYTON et al., 2017).

No Brasil, onde eventos climáticos extremos como enchentes, queimadas e secas vêm se tornando mais frequentes, há uma lacuna significativa de estudos que relacionem diretamente ecoansiedade, percepção de risco e fatores psicossociais em adolescentes. Considerando a vulnerabilidade do país aos desastres ambientais e as desigualdades sociais, investigar esse fenômeno pode oferecer subsídios para políticas públicas em saúde mental, educação e sustentabilidade (RIBEIRO, 2021; CLAYTON et al., 2017). Desta forma busca-se compreender quais são os níveis de ecoansiedade e como os adolescentes brasileiros percebem as mudanças climáticas em seu cotidiano, relacionando essas percepções com sentimentos de impotência, engajamento e saúde mental? Estudos internacionais (Clayton et al., 2017; Hickman et al., 2021) já apontam a ecoansiedade como uma crescente preocupação entre jovens.

No Brasil, a combinação de desigualdades sociais, exposição ambiental e pouca presença de educação climática torna esse fenômeno ainda mais complexo. Entender como adolescentes elaboram subjetivamente essas questões é essencial para desenvolver ações de saúde mental e educação ambiental mais efetivas. Assim, este estudo busca compreender como adolescentes brasileiros percebem as mudanças climáticas e como tais percepções afetam sua saúde mental, propondo uma leitura psicossocial da ecoansiedade como fenômeno emergente e relevante à gestão ambiental e às políticas públicas. Para este desenvolvimento considera-se os objetivos Específicos que são: avaliar a frequência e intensidade de sintomas relacionados à ecoansiedade em adolescentes; investigar como adolescentes percebem as mudanças climáticas em suas comunidades; identificar os sentimentos de impotência, engajamento ou negação relacionados à crise ambiental; propor recomendações para intervenções em saúde mental e educação ambiental.

O crescente impacto das mudanças climáticas tem gerado não apenas consequências ambientais, mas também efeitos psicológicos significativos, especialmente entre os jovens. O conceito de *ecoansiedade* emerge como uma resposta emocional à ameaça ecológica percebida. Este projeto investiga como adolescentes brasileiros vivenciam e compreendem essas mudanças e quais os impactos disso em sua saúde mental. A abordagem dessa pesquisa será método misto, quantitativa e qualitativa (CRESWELL, 2010). Os participantes serão adolescentes de 13 a 18 anos, estudantes do ensino fundamental II e médio, de escolas públicas e privadas. Os instrumentos serão a Escala de Ansiedade Climática (Climate Anxiety Scale) — adaptada e validada para o português (em processo no Brasil); Questionário sociodemográfico e ambiental — percepção de risco e exposição a eventos climáticos extremos; e Entrevistas semiestruturadas — análise qualitativa da fala dos adolescentes sobre sentimentos, futuro e ações ambientais. A técnica de análise será para a quantitativa: análise estatística descritiva e inferencial (correlação entre ecoansiedade e variáveis sociodemográficas) e a qualitativa: análise temática de Braun & Clarke (2006).

2 Fundamentação Teórica

A ecoansiedade é definida como um estado de sofrimento psíquico crônico relacionado à percepção constante de ameaça ecológica (Clayton et al., 2017). Essa resposta emocional pode incluir sintomas como tristeza, medo, raiva, desesperança e até mesmo paralisação diante de decisões cotidianas. A American Psychological Association (APA, 2020) destaca que a ecoansiedade é mais prevalente em jovens, que tendem a internalizar as ameaças ambientais como crises existenciais. A pesquisa de Hickman et al. (2021), com mais de 10 mil jovens em dez países, evidenciou que 59% dos adolescentes se sentem "muito preocupados" com as mudanças climáticas, e 45% relatam que essa preocupação afeta negativamente seu funcionamento diário. No Brasil, Ribeiro (2021) propõe que a crise ambiental também se relaciona a questões de desigualdade social, pois populações periféricas são mais expostas a riscos ambientais e têm menos acesso a recursos de enfrentamento.

Albrecht (2011) introduz o conceito de *solastalgia*, o sofrimento emocional vivido por comunidades que experienciam a degradação de seu ambiente imediato. Essa perspectiva amplia o entendimento da ecoansiedade como um fenômeno enraizado em territórios, memórias e vínculos afetivos com a natureza. A compreensão dessas dimensões emocionais e sociais é essencial para a construção de políticas públicas de educação ambiental e saúde coletiva, que integrem práticas de cuidado e engajamento social.

3 Conclusão

Os resultados esperados deste estudo apontam para a identificação de perfis de adolescentes mais vulneráveis à ecoansiedade, o mapeamento de discursos sobre clima, futuro e engajamento ambiental, bem como a produção de subsídios para ações de prevenção em saúde mental juvenil com foco em questões ambientais. Além disso, pretende-se contribuir para a formulação de políticas educacionais que integrem a dimensão ecológica e emocional no processo formativo, fortalecendo práticas de cuidado, consciência crítica e engajamento social.

A relevância desta pesquisa também pode ser melhor compreendida quando articulada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O ODS 3 (Saúde e bem-estar) destaca a importância da promoção da saúde mental, diretamente relacionada à mitigação dos impactos emocionais da crise climática sobre adolescentes. O ODS 4 (Educação de qualidade) reforça a necessidade de inserir a educação ambiental de forma transversal, possibilitando que jovens desenvolvam competências socioemocionais e cognitivas para enfrentar os desafios ambientais.

Já o ODS 8 (Trabalho decente e crescimento econômico) relaciona-se à criação de perspectivas futuras mais sustentáveis, reduzindo sentimentos de desesperança quanto ao mundo do trabalho e incentivando trajetórias profissionais ligadas à economia verde.

O ODS 11 (Cidades e comunidades sustentáveis) evidencia a urgência de adaptar os espaços urbanos para reduzir vulnerabilidades socioambientais que afetam especialmente populações jovens em contextos periféricos. O ODS 12 (Consumo e produção responsáveis) contribui ao propor mudanças nos estilos de vida e hábitos de consumo, aspecto frequentemente mobilizado nos discursos de adolescentes que buscam sentido e agência frente à crise ambiental.

Por fim, o ODS 13 (Ação contra a mudança global do clima) é central, pois integra a ecoansiedade à agenda global de enfrentamento climático, reconhecendo que a saúde mental também deve ser considerada nas estratégias de mitigação e adaptação.

Assim, a discussão aqui proposta vai além da análise da ecoansiedade como um fenômeno psicológico, situando-a no entrelaçamento entre dimensões sociais, ambientais e políticas. Ao vincular a saúde mental juvenil às metas globais de sustentabilidade, este estudo reafirma a necessidade de respostas integradas que articulem ciência, educação, políticas públicas e participação juvenil. A ecoansiedade, quando acolhida e transformada em engajamento, pode

ser um motor para a construção de uma cidadania climática ativa, crítica e comprometida com um futuro mais justo e sustentável.

Referências Bibliográficas

- ALBRECHT, G. Chronic environmental change: Emerging ‘psychoterratic’ syndromes. *Sustainability*, 3(4), 478-501.2011
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION – APA. *Mental health and our changing climate: Impacts, implications, and guidance*. Washington: APA and EcoAmerica, 2020.
- APA. *Mental Health and Our Changing Climate*.2020
- BRASIL. Nações Unidas. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no Brasil. Disponível: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> acessado em setembro de 2025.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.
- CLAYTON, Susan et al. *Mental Health and Our Changing Climate: Impacts, Implications, and Guidance*. APA, 2017.
- CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- HICKMAN, C., MARKS, E., PIHKALA, P., et al. (2021). Climate anxiety in children and young people and their beliefs about government responses to climate change. *The Lancet Planetary Health*, 5(12), e863–e873.
- RIBEIRO, D. (2021). *O futuro não é mais como era antigamente: juventudes e crise climática*. São Paulo: Companhia das Letras.